

O SAPO

Semanario litterario e humoristico

REDACTORES: DIVERSOS

ANNO II

Redacção
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51

Curitiba, 16 de Abril de 1899

Assignaturas
TRIMESTRE 3\$000
Pagamento adiantado

Nr. 16



A mascara

Coberto pelos farrapos d'uma chlamide, descalço, a cabeça ao vento, caminhava pelas ruas de Coryntho um discipulo de Diogenes, quando viu, no peristyllo de uma casa de arquitectura, — portico de mármore e como o dos templos onde costumava passar as noites, — uma bella hetaira coroada de rosas e os languidos cercavam-na sóbria e gabando-l' a belleza e a azinhaga disputando a honra de a conveir ao carro, de modo que seus olhos não tocassem a poeira.

Veja no...
...rvados sobre bastões, para contemplar a, e lia-se-lhes os senis, a tristeza que os atormentava por terem perdido o doce dos beijos.

...to, cado a deter-se pela... se apinhava diante da lisoluta, entrou a indagar de... de outro a causa de tamanho ajuntamento.

E' Corina que vai saber disse um homem grave; Corina de Argos a mais bella mulher que vive na cidade...

— Deve ser formosa! disse o philosopho. — Deixa que a vejam meus olhos! — e atravessou a multidão parando em frente ao portico de marmore.

Corina vendo chegar o sordido pensador, avançou até os primeiros degraus da larga escadaria, e sorrindo, disse:

Porque não sobes? Tens algum problema a propor-me, ou ao contrario do teu mestre procuras uma mulher?

— Sim — disse elle notando o esmerado artificio com que a hetaira branqueara a cutis, coloria os labios carminara as faces — procuro uma mulher e talvez a encontre em ti: mas para certificar-me, peço que tires a mascara, para que eu te veja o rosto.

COELHO NETTO.



Zoadas...

Disseram no Chautard uns *Fesistas* que a offerta pelo Peixotinho feita em a ultima noite da representação da Mascotte foi extemporanea inconveniente...

Primeiro, porque *dá esmola a quem pede, dá agua a quem tem sede...*

Segundo, porque podiam as innocentes aves inutilisar preciosas vestes...

Que o Negrão e Tapitanga disseram em uma roda, no mesmo Chautard, perante um capitão, um alferes etc., que as criticas theatraes da Republica não merecem este nome nem aqui, nem no inferno e que nem no tempo do Pedro velho...

Que a continuar nesse *teórinho* qualquer dia surge a descripção da esthetica das formosas pernas da Pilar (tudo é arte) o que acabará a estonteante cantora em modelo de algum Estabelecimento de Artes.

Que neste caso muitos arvorar-se-hão em Rubens, Raphael; outros em Phidias, com prejuizo dos que estão no caso de representar aquelles genios...

Que não falta quem não queira ser *Giovanilli*, discipulo do grande *Lablanche* para realisar o seu senho: Pintar uma mulher em camisa, com os seios ornados de millias perfumosas, calçando adoraveis sandalias e não tamancos, que só servem para estragar meias...

Que afinal def contas nada como o Guerreiro que faz roupas sob medida sem uso do metro: só pelo pulso...

Que o mais são fabulas de La Fontaine...

E que finalmente quem tem razão é o A. Julio que sempre que me encontra pergunta: Cahem ou não cahem todos! ?...

L. CANDIDO.



Briza da marinha

Sabemos que no dia 9 do andante na visinha cidade de Paranaguá, tomou posse a nova directoria desta gentil aggremação, hoje presidida por uma das mais distinctas damas da sociedade paranaguense.

Ao que nos dizem, foi a nova directoria gratamente acolhida com esplendido baile, realiado no Club Litterario pela sympathica associação.

Que a nova Directoria possa elevar a *Briza* ao conceito que realmente merece, são os nossos desejos.



Distinga-se!

De ordinario o Cruz ouvia:
« Estú fisico fulano;
Perde sangue todo o dia...
Coitado! não dou-lhe um anno! »

E, á força de ouvir falar
No perigo que offerece
A tísica pulmonar
Ante a qual tudo estremece,

« Não ha duvida! — por fim
Certo dia elle exclamou —
Estou *physico*... Ai de mim! »
E logo um doutor chamou.

Depois de ver o doente,
Diz-lhe o medico: « O seu mal
E' de todo differente;
Character: — hemorrhoidal! »

PEROLAS (27)

Crepusculo

No tumulto do occaso, illuminado
Pelos tremulos raios do sol morto,
O dia tomba, triste, abandonado,
Nostalgico de luz e de conforto.

Hora em que o coração, jenuflexado
Ante a visão feral do desconforto,
Vê desfilar das sombras do Passado,
Aos mercenciosos raios do sol morto.

Hora de dôr, profunda de saudade,
Feita de lagrima e de proce ungião,
Soturna de velhice e mocidade !...

Como eu te sinto em mim, como eu te quero,
E's imagem fiel da minha vida,
Que, apesar da desgraça, inda venero !

JULIO PERNETTA.



Mãe

E' a primeira palavra que sae dos
labios da creancinha, é a primeira
imagem que se grava em seu cora-
çãozinho : é a primeira lagrima que
lhe orvalha os olhos, o primeiro
poema de amor que lê, a ultima
estrophe de ternura que declama.

Mãe...

Pedi a maviosidade ao sabiã, ás
auras o sussurro, aos beijos o dul-
çor, a harmonia — e com todos estes
elementos e doçura de um mono-
syllabo tão harmonioso, tão dulço-
roso, tão sussurrante, tão mavioso,
como nome de Mãe.

E, porque é que nossos labios,
quando o proferem, arrancam-n'o
do coração, o afinam nas mais do-
ces sensações da alma, e com todas
as vibrações do sentimento o deixam
desfolhar quando os olhos se fecham
em goso, quando o coração paira
em amoroso silencio ?...

Só a pronuncia na sua casta sere-
nidade a alma dos filhos ; só o com-
preheende as doçuras do amor ; só o
adoram as creancinhas que o repe-
tem n'um suspiro de saudade sol-
tado do peito orphão ?

E' que a mãe tem o feliz condão
de fazer gravar em todos os tempos
a sublimidade do Amor na téla alvi-
nitente e casta da alma dos filhos !

Vêde-a debruçada, a velar o somno
do filhinho, a acompanhar os seus
menores movimentos, a auscultar o
bater apressurado daquelle tambem
seu coração, a contemplar-o toda a
noite, e a despertá-lo quando as
florês abrem as corolas ao rocio da

madrugada, com a humidade de
seus beijos ferventes, com a luz
tenue de seu amoroso olhar.

Vêde-a nos dias de alegria, nos
momentos mais felizes desta vida
tão ingrata ; ella é a primeira a re-
ceber em seu peito as emoções da
ventura, é o coração que mais alto
pulsa de contentamento : é o anjo
da felecidade sangrando com a san-
tidade de seu olhar a alegria que,
por um dia, penetra no peito do
homem.

Vêde-a nos momentos de infortu-
nio, no soffrimento, na desgraça : é
a mais fiel companheira que, com
uma das mãos enxuga as lagrimas
dos que soffrem, e com a outra suf-
foca seu pranto.

Insomnias, cansaço, nada a de-
move, e quizera arrancar a vida sua,
para dal-a á metade de sua alma.

E quando com a dor termina a
vida ; quando o anjo da morte cerra
os labios do filho adorado, sugando-
lhe em funereo beijo o ultimo alento,
ella, a mãe forte e corajosa, succum-
be, então ao poder das lagrimas —
lagrimas talvez as unicas sinceras
que caem nas faces do cadaver...

A luz da lua parece mais bella
na imaginação quando as trevas
velam a face do céu ; a ultima nota
do canto mais doce, quando reper-
cute em saudoso echo ; o veio crys-
talino d'agua mais saciavel, quando
a aridez do deserto se estende além.

Assim tambem no coração cala
mais profundamente o amor filial,
quando o véu dos tumulos cobre a
face adorada da mãe ; esse nome só
o sentem, as creancinhas pallidas,
que n'um suspiro de saudades, sol-
tado do peito orphão, repetem em
santa inveja : felizes, felizes dos que
teem mãe !

MARIA JOSÉ R. PIRES.

Encontramos no «Novidade» de
S. Paulo :

A' IMPRENSA

Pede-se, por favor, a reprodução
do seguinte :

Mariana Joaquina das Neves,
viuva de

Antonio Francisco Dias Pacotilha,
deseja saber o paradeiro de seus fi-
lhos

Manoel de Almeida Junior

e

Amelia Pereira da Rocha.

Pede-se, pois, a quem o souber,
o favor de o participar para a rua
Vergueiro, 28, capital de S. Paulo,
e fazendo-o, praticará um acto de
caridade.

No céo

— Teu irmão sosinho vai para o
céo, d'onde veio ; não chores, meu
filho. Vê : até o caixãozinho em que
elle volta, é azul...

— E quando elle veio do céo foi
assim tambem, mãe ?

— Não, filho, Tu e elle viestes por
alli...

E ella aponta a via-lactea.

— E' porque vocês vinham muito
do alto, um anjo vestido de branco
os recoitou em suas azas luminosas
e trouxe ambos aos meus braços.

— Ah ! mãe, eu quero voltar tam-
bem com meu irmãozinho ; eu quero
voltar tambem com meu irmaosin-
ho ; eu quero voltar !

— Se os anjos que vêm a noite
buscal-o quizerem levar-te, podes ir.
No outro dia, quando a creança
despertou, já não encontrou mais
o irmão.

— Porque não me acordaste, mãe ?

— Ah ! meu filho, se tivesses ido
com teu irmãozinho, nunca mais mo
verias ; não deitarias mais, como
agora, no meu collo ; e á noite, quan-
do te ajoelhasses na cama, quem
ensinaria a rezar ? nunca mais te ias
os beijos de tua mãe.

— E para que me enganastes,
mãe, dizendo que elle foi para o céo

SORIANO DE CARVALHO.



Desdiehada

Sosinha e ao desamparo ella vivia
Nesse pobre casebre abandonada ;
Não conhecera pae nem mãe ; doia
Fitar aquelle rosto nacarado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava
Para os descantes da festiva aldeia ;
E comsigo a mesquinha suspirava :
« Doce Jesus ! porque nasci tão feia ? »

Quando a lua no céu azul surgia
De alvôr banhado a murmura devesa
No postigo do albergue a sós gemia,
Triste mulher sem viço nem belleza.

Chamou-a Deus enfim : quando passava
O singello caixão na triste aldeia,
Melancolico o povo murmurava :
« Vae tão bonita, olhae : e era tão feia !... »

(Das miniaturas).

G. CRESPO.



SONETOS (16)

Ninho abandonado

As poquenas azas, n'um medroso
 arfar de susto abrindo, além, distante
 oram pousar; o ultimo adeus, vibrante,
 cantando ao velho ninho silencioso.

ra um gorgeljo suave e melodioso;
 ra triste e dorido, ora radiante:
 Adeus de noiva que abandona amante
 lar onde fruiu da infancia o gozo.

Depois foram-se... E á noite, de mansinho,
 a claridade do luar nascente
 illuminando o abandonado ninho.

Finha a tristeza e esmaecido brilho
 Do olhar de mãe que, dolorosamente,
 Contempla o berço onde morr'eu-lhe o filho.

ZALINA ROLLM.



Divida do Brazil

Um distincto paranaense nota-
 pel pela sua illustração e modestia,
 publicou nos topicos de uma interes-
 ante carta que a um nosso collabora-
 dor, foi enviada.

Conforme disse hoje em um
 postal, vou dar-lhe os melhores
 dados publicados em tabellas, no
 jornal do Commercio de 19 de Mar-
 ço do corrente anno a respeito de
 este importante assumpto, para quem
 tem patriotismo.

O citado jornal explica minucio-
 samente a procedencia da divida
 externa e interna do Brazil.

Pelos dados que nos fornece o
 jornal se chega á conclusão de um
 balanço perfeito do Activo e Passivo
 das contas da Republica até 31 de
 Dezembro de 1897.

Vamos entrar na demonstração:

Activo

Predios, armada, Fazendas ruraes,
 armamento, polvora, cartuchos, etc,
 etc, 1.434.905.026\$920 reis.

Divida do Para-
 guay 600.000.000\$000

Divida do Uru-
 guay 23.078.386\$000

Saldo em poder
 de responsa-
 veis 20.000.000\$000

Divida activa
 do Banco
 da Republica 178.406.170\$000

Somma, rs. 2.282.442.414\$920

Vamos ao

Passivo

Divida externa 308.458.997\$000

Em apolices (di-
 vida interna) 637.425.600\$000

Depositos, di-
 versas origens 172.130.167\$420

Papel do The-
 souro 439.644.276\$500

1.557.629.040\$920

Saldo a favor da
 Republica 721.513.374\$000

Rs. 2.282.442.414\$920

(conclusões minhas.)

Abandonemos o activo que a meo-
 ver o governo não só não pode dis-
 por, como tambem não pode contar
 com esse elemento para solver a di-
 vida, sem grande prejuizo e avilta-
 mente da nação e mesmo, grande
 parte, absolutamente imprescindivel
 de ter.

Deixemos a differencial do cambio
 e tomemos a hypothese que o valor
 da divida total terá o governo de
 pagar ao cambio de 7, isto é, que a
 divida de 1.557.629.040\$920 é equi-
 valente a igual quantia do papel de-
 preciado pelo cambio de 7, caso em
 que a gramma do ouro custará aos
 credores, 4.405 reis (isto já é absur-
 do) porém vá para o fim ao qual me
 proponho que é demonstrar mesmo
 assim, o volume colossal de ouro
 preciso para saldar. Valendo a gram-
 ma de ouro 4.405 reis é claro que
 dividindo o valor da divida pelo da
 gramma de ouro teremos um quo-
 ciente, representando grammas de
 ouro.

Logo,

1:357.629:000\$000

(fóra fracções) é

4\$103

igual á 353.604.767 grammas, por-
 tanto — 353.604 kilos de ouro des-
 presando o resto e tambem — 353,
 6 tonnelladas de ouro as quaes divi-
 dindo por 19 peso especifico do ouro
 (puro 19,23 em moeda que seja 19)
 teremos 353,6 = 18,6 metros cu-
 bicos de ouro, que é igual a uma
 columna de ouro que tendo por base
 um metro quadrado, terá a altura
 de 18,6 metros.

De cujo numero, extrahindo a raiz
 cubica nos dá um cubo (quadrado
 de ouro que tem as bases igual a
 altura) de 2,6 metros.

E que tal? Um pedago de ouro ou
 um dado de ouro de 2,6 ms. de ca-
 da face!!! Tal mais ou menos é a
 divida do nosso Brazil.

Carregando cada wagon, como da
 E. de Ferro, com seis tonnelladas,
 seriam precisos

353

tonnelladas — (despresando o res-

6

to) 58 carros com 6 tonnelladas e
 mais um carro com 5!!!

Basta de massar-lhe.

Não é agradável tratar-se de al-
 garismos em cousa alheia; mas con-
 hecer o estado financeiro de nosso
 paiz, faz parte do adiantamento mor-
 ral de todo o cidadão que zela pela
 dignidade da Patria.

Saudades etc.



Tiro ao alvo...

GALIMATIAS

Soneto consagrado ao Benjamin
 affirm de ser por elle traduzido em
 estylo no alcance de todos.

Na hebdomada transacta a puceila insonte,
 Que trebolha no teu tinote flammivomo,
 Connubiou-se (permittirás que este azar te conte
 Embora fiques em malacia e em magno assomo.)

Em vão te transmudaste em vate e a sua fronte
 Circuiste de illecebras, solano e de amomo;
 Cheia de solercia, ella, com o phlebotomo
 Da gacha hucou-te o thorax de Anacreonte.

E' cognito que este annuncio neeropolesco
 Vae-te ser muito noxio e até na temulencia.
 Podes cabir de um modo innite e orconesco.

Ou tomares-te orate indo em plena anesthésia
 — Com charpas nos carpos postas com violencia —
 Curar n'algum hospicio essa dolorosa amnésia.

DONA ESPHYNGE

Satisfazendo o pedido
 De D. Esphyngue publico
 nesta secção
 um soneto offerecido
 ao Benjamin festejado
 e muito ancioso fico
 esperando a traducção,
 esperando o resultado.

Sou capaz de garantir
 que o Benjamin não se nega
 a traduzir
 este soneto intrincado
 e que enquanto o Demo esfrega
 o olho ou esfrega a mão
 o Benjamin festejado
 prepara esta traducção.

As tuas ordens pois meu Benjamin querido
 eu ponho esta secção.
 Manda-me do soneto a ti offerecido
 a bella traducção.

PLETÃO

Photo-Jumelle

Aspecto — Principe desthronado.
 Profissão — Cacetear os mais.
 Divisa — Tudo pelo republicatismo.

Futura Sogra

E o Raul, fazendo com a ponta reluzente da bengala figurinhas grotescas na branca areia do caminho, assim fallou aos amigos :

Eu tinha somente dez annos e Rosita era exactamente da minha idade.

Aquella vivacidade de creança encantava-me; aquelles olhos negros e scintillantes deslumbravam-me, e aquellas rosas frescas da alva face de setim atrahiam-me lonceamente.

N'essas tardes ideaes, em que o céo tingia-se de anil e rosa, e nos lagos tranquillos e mansos, doirados de sôl, as cores celestes se reverberavam; n'essas tardes em que a briza travessa balouça os lyrios immaculados, que pendem das hastes; n'essas tardes alegres como a alvorada da existencia, eu ia soltar uma pandorga multicôr, defronte a casa de Rosita.

Ella gostava muito de ver adejando na amplidão o travesso papagaio, e as vezes, quando eu distrahia-me olhando para Rosita e que o papagaio quasi era victima imbelles dos meus amores, ella a creança ideal soltava gritinhos de susto ao ver a bella pandorga quasi esbacelar-se de encontro á uma arvore em flor.

Um dia Rosita foi para a escola de uma velha professora austera.

A casa era terrea e eu da rua, para ver a extranha flor que perfumava-me a existencia, trepava-me na janella da escola.

Repeti essa travessura muitas vezes até que um dia sendo descoberto tudo pela grave professora, levei, com o ubá na cabeça. Foi um santo remedio. Nunca mais lá voltei.

Tempo depois tive de seguir para longe de minha terra natal, matricular-me n'um collegio.

Ah! aquella recordação viva de tudo e de todos, como só as almas meigas das creanças podem ter, deixava-me melancolico e pensativo !...

Passados quatro annos voltei.

Ah! de novo contemplava aquella céo extranhamente encantador, que tanto fallava-me á alma saudosa; de novo contemplava aquellas arvores seculares, cheias de recordações das travessuras infantis.

De noite notei que em caza todos preparavam-se para sahir.

Disseram-me que tambem eu fosse vestir a roupa de *ver a Deus*, para ir ao casamento de Rosita.

Cahi das nuvens.

Rosita casar-se? Ella que fôra a minha casta companheira de folgedos alegres de creança, ella casar, ella que tinha como eu, quatorze annos? !...

Rosita ia casar repetiram-me.

Estava uma bella moça e magetosa.

Cheguei em casa dos noivos.

No amplo jardim illuminado brincavam uns rapazes da minha idade. Fui com elles rir e folgar.

E enquanto eu entretinha-me com os meus companheiros, Rosita casava com o eleito do seu coração, um bello rapaz sympathico e amável.

Hoje são passados quatorze annos depois do casamento de Rosita. Eu estou com vinte e sete para vinte e oito annos e sou noivo da filha de Rosita.

Rosita que fôra minha *ex-futura* noiva, vai ser, de hoje á dois annos a minha... a minha sogra.

Paraná, 10—3—97.

HILARIO DURVAL.



Pelo Theatro

LOS MOSQUETEROS

Miseravelmente foi levada á scena pela companhia Chavez & C.^a, a esplendida e muito nossa conhecida zarzuela—Los Mosqueteros—em as noites de 14 e 13 do corrente.

Estes espectaculos foram salvos pela educada artista Pilar Chavez, que com muita maestria cantou uma valsa, em boa hora *enchertada* pelo sr. director.

Dizemos isto, porque, segundo nos parece, jamais tão arrebatadora valsa fez parte da zarzuela em questão.

Muito assassina foi esta partitura franceza, e de tal maneira que deo isto lugar ao miseravel desempenho (sem excepção) por parte de toda a companhia.

Achamos conveniente accrescentar que a fidalga e tão applaudida artista Pilar Chavez Sottomaior, cantou, no 3.^o acto, a referida valsa, cuja

execução foi a taboa de salvação da *troupe* e... de Los Mosqueteros

Sentimos immensamente n'abermos d'onde conseguiu o sr. director encontrar tão merecedora valsa, a salvação, como já dissemos, d'uma peça de merecimento e que já tivemos occasião de assistil-a completa!



No interessante periodico «La Ganguita» que se publica na adiantada cidade do Rosario, e

fôo fundado ha quarenta e cinco annos D. Tarquino y Correia, encontramos a curiosa noticia que em seguida, com a devida venia, offerecemos aos nossos amaveis leitores:

«Pelos jornaes vindo ultimamente da capital do Paraná, soubemos que acha-se actualmente allitrabalhando no Theatro Hauer, a interessante joven A. Santafé que uniu-se á Empresa Chavez & C.^a, de Zarzuelas, Operetas etc. etc.

A. Santafé, uma das victimas da revolução de 1889, teve seus primeiros ensaios theatraes no Polytheama de la Calle.

Nascida em 17 de Abril de 1887, Santafé, salvou milagrosamente por occasião d'aquella revolta platina, centenas de fetes de familia.

Sua estrêa foi n'uma esplendida Z. «Usted mi dá» onde alcançou successosal, pelo que mereceu da pagina de honra de «La Prensa» seu incomparavel retrato.

Foi discipula do popular maestro, Tarquini que por muitos annos aty residiu.

Por occasião da revolução que se desatou sobre A. Santafé, depois de ter, com sacrificio de sua preciosa vida, servido na congregação das «Hermanas de la Cruz», prestou relevantes servios. Eis por que noticiamos o reaparecimento de Santafé, para o audio dos que a conheceram.

Sem duvida os jornaes platensis andam enganados: Nem Santafé com dois annos, podia prestar servios em a revolução, como não pôde tambem, actualmente contar doze annos. Neste caso está tambem a Sra. Pilar Chavez em cuja biographia publicada na «Republica» sabio: «nasceu em 1877», quando, segundo nosso correspondente de Bogotá, foi em 1867.

Dez annos apenas de differença...

REPORTER.



PAIXÃO THEATRAL

Da Republica o chronista,
Que é artista mui laureado,
Tem tanta fé pela Arte (?)
Que por ella 'stá apaixonado!

E a cousa já dá tanto na vista
Que o leitor está enfasiado;
Pois todos os dias a paixão
Por cartas elle tem pintado!